

A FAMÍLIA DE JOSÉ ESTEVÃO

Conferencia realisada no «Club Mario Duarte» (Aveiro)
no dia 15 de agosto de 1909

POR

MELLO FREITAS

Meus senhores:

Será mais fácil calarem-se as cigarras á chegada do calor esbraseado do estio do que eu, um obscuro e fervoroso bonzo do templo da Liberdade, deixar de abrir o hymnario de José Estevão levantando-lhe com a minha voz estridula o louvor que, do imo do meu coração de crente, me resalta dos labios!

Augustin Challamel fez um livro attrahente, escrevendo a historia anedoctica da Fronda (1643 a 1653), d'esse tempo de intrigas e paixões, guerras, excentricidades e caprichos em que as damas, os cardeaes, e os fidalgos, cheios de cortezia e de ambição, inquietavam com batalhas microscopicas os velhos dias de Luiz 13 e os primeiros annos do reinado d'um jovem monarcha, Luiz 14, o futuro Rei-Sol.

Inspirando-me n'esse exemplo, já esbocei na conferencia antecedente o quadro anedoctico da vida de José Estevão, e hoje, se m'o consentir a benevolencia das pessoas, que se dignaram vir a este recinto, auxiliando-me com a sua attenção no desempenho da empreza, que me propuz, apresentarei a tela da linbagem do grande orador e n'esse quadro desenharei, com largas pinceladas, os contornos e sombras da familia d'aquelle, que foi incontestavelmente o maior aveirense e um dos vultos mais prestigiosos, um dos caracteres de maior relevo e pujança da historia patria no seculo que ha pouco findou.

Não faltam entre nós oradores parlamentares e tribunos, affirma-

Anda o seu elogio, de tarifa, nos jornaes, que actualmente se publi-

cam. Mas, segundo o preceito de Quintiliano, homens que sejam absolutamente de bem e que saibam fallar com pericia, haverá? Nunca foram vulgares, ao contrario do que proclamam os politicos de cartel, por conveniencia da casta.

Inclino me até, rectificando semelhante fetichismo irreflectido ou saloio, que esses factos me trazem á lembrança Vitellio erguido nos escudos dos pretorianos e por elles despedaçado, em breve. D'aquelles palavrosos garrulos, despidos de illustração geral, sem grandeza de concepções e sem euphonia de periodos altivolos, deve dizer-se o que Alphonse Karr aventou a respeito d'outros que, em França, escalavam a tribuna: — «A sua politica consisti em fallar, todos os seus esforços não tem por fim senão fallarem e não conduzem a outro resultado senão terem fallado.»

E' de uso amesquinhar-se hoje os principios, e os doctrinarios são tidos como uma especie de phantassistas, que padecem de uma doença mental incuravel. O desdem cobre os como um sambenito de condemnados ao fogo.

N'esta epoca em que a preoccupação exclusiva parece ser o gozo material, a importancia postica, a ostentação de venéras, a snobismo, e em que todos se acotovellam ou esmagam para figurarem na primeira fila de todas as commodidades e de todas as vatagens, são ridicularisados ou amordaçados os apóstolos, eremitas, e os batalhadores, que postergam as regalias d'uma existencia facil para defenderem convictos o lemma da sua fé, nada havendo que os desvie d'esse inabalavel rochedo, assaltados pelas ondas de lama e bätidos pelo vendaval do insulto ou pelos abutres esfaimados dos arrivistas.

O opportunismo é a bandeira



FUNDO LOCAL

020196

86/08/92

venal e banal a que se abrigam essas formidáveis phalanges, que se abstêm de dedicações e compromissos, porque só consideram um idolo — o poder — seja quem fôr que o tenha, e o modo por que o exerça e celebre.

Já Cormenin fez notar, com excellentes criterio, que — Os homens que defendem principios são sempre muito maus aos olhos dos que os violam —.

O tribunal da razão confirma esta preciosa sentença.

José Estevão foi um producto da sua familia e das circumstancias, que o rodearam e impelliram. Correspondeu perfeitamente ás necessidades d'essa epoca notavel.

A população de Portugal tem crescido. Ha mais homens, mas abunda a falta de character.

Como cada um, á semelhança do camaleão toma a côr provisoria de ambito em que se arrasta, pôde afirmar-se que não ha um estadista que reuna as condições indispensaveis de energia, bondade, intelligencia e justiça, para levar victoriosamente este paiz até ao logar modesto, e recatado, sabio, pundenoroso, economico e digno que lhe pertence.

E' porisso que n'este descalabro moral, que ameaça soverter vos, eu encontro um grande sentimento de allivio relanceando os olhos para a familia de José Estevão, tão despreendida, vāsada em moldes á parte, onde a phantasia era o elemento essencial e onde a eloquencia e a poesia guardava uma alta percentagem no amálgama, qualidades sobredeiradas todas pela graça, tanto a tom alacre da expressão, como a outra graça, esse condão divino, que brota da indulgencia e conquista a sympathia, subjulgando os corações.

LUIZ CYPRIANO

Nasceu em Eixo a 16 de setembro de 1774.

Era filho de Manuel Coelho de Magalhães, escrivão do almoxarifado da Casa de Bragança d'essa antiga villa, para onde viera no ultimo quartel do seculo 18, e alli casara com D. Maria Angelica Fer-

reira de Abreu, filha de lavradores abastados, d'Eixo.

Manuel Coelho de Magalhães era natural da Villa da Feira.

Casou Luiz Cypriano com D. Clara Miquelina d'Azevedo, que nascera em Aveiro a 5 de outubro de 1777, filho de Manuel da Costa Guimarães, natural de S. Martinho de Armil, perto de Fafe, arcebispado de Braga, e de D. Anna Joaquina Rosa, da freguezia de S. Miguel, d'esta cidade.

D'aquelle venturoso enlace nasceram um filho (Manuel, que morreu aos tres annos) José Estevão, o grande tribuno, Antonio Augusto, Luiz Rufino e D. Maria Dorothea.

De modo que para apparecer um vulto da importancia de José Estevão, contribuíram proxima-mente quatro terras, S. Martinho d'Armil, Villa da Feira, Eixo e Aveiro.

Luiz Cypriano teve um irmão Manuel Coelho de Magalhães que exerceu, como seu pae, o logar de escrivão do Almoxarifado d'Eixo. E D. Clara Miquelina d'Azevedo teve dois irmãos — José Ribeiro de Azevedo Leitão, casado com D. Luz Thereza, que foram os padrinhos do baptismo de José Estevão e D. Rita da Costa, de quem logo fallarei.

Luiz Cypriano não era alto nem baixo, nem gordo nem magro, informou-me ha poucos dias o sr. Conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza, esse nonagenario respeitabilissimo, cuja firme memoria é o pasmo dos que o visitam, e acrescentou que o sr. Sebastião de Carvalho Lima dava muito ares de Luiz Cypriano, com a differença apenas de que aquelle era mais forte e grosso.

Já tive occasião de dizer que d'um passaporte conferido pela prefeitura do Porto consta que Luiz Cypriano tinha 61 pollegadas ou sejam 1^m,68 centimetros d'altura.

O meu ex.^{mo} amigo Luiz de Magalhães informa, por seu lado, que era voz corrente na sua familia que Calixto Luiz d'Abreu, parente de José de Estevão, e padrinho da Joanninha, a filha do tribuno, e amicissimo d'este, era uma

figura extraordinariamente parecida com Luiz Cypriano, e urge fazer notar que o mesmo Calixto Luiz d'Abreu foi muito dedicado e entusiasta admirador do poeta Francisco Joaquim Bngre, cujos versos guardava com extremado zelo.

O pae de José Estevão era elegante e presumia da sua elegancia. Usava cabelleira branca postiça, e quasi sempre um capote, que elle ageitava em pose academica, sempre que se inflammava discutindo. Tinha olhos pardos, diz Luiz de Magalhães, provavelmente garços e vivos. Era homem de dicção espontanea, abundante e nobre. Trazia a barba rapada.

Dava sempre esmolas, não se importando de ter muito ou pouco ou nenhum dinheiro na algibeira e raro seria recolher a casa com um crusado novo no bolso. Quando visitava doentes pobres soccorria-os constantemente, evangelicamente. Pagou muitas gallinhas a indigentes, que gemiam no leito da miseria.

Gostava muito de jogar o vultarete. Frequentava as casas que recebiam á noite, e quando terminava a sua partida ia ainda visitar os seus doentes que reclamavam esses cuidados e esses desvelos.

Era assomado em politica e assim, em 1846, porque fallasse aos soldados em fórma, concitando-os a sacudir o jugo dos Cabraes e a tyrannia das auctoridades não faltou quem apertasse com o chefe do districto para que o mandasse prender, valendo-lhe o Secretario geral Antonio Ferreira Novaes (1) que declamou contra a torpe exigencia affirmando cheio de tedio:—Ora adeus! E' um cidadão exemplar, absolutamente inoffensivo; quasi um santo!...

Luiz Cypriano frequentara em Coimbra o Collegio das Sciencias Naturaes, vulgo o Collegio da Broa, onde fôra admittido gratuitamente, e d'ahi passára á Universidade concluindo o curso de Medicina. Como seu pae fallecesse d'um ata-

que apoplectico, veio logo em 1804 estabelecer-se em Aveiro, casando pouco depois e exercendo a clinica com a devoção d'um sacerdocio, sem olhar a sacrificios ou canceiras, o que o f-z considerar pelos pobres da cidade e visinhanças o consolador dos desgraçados e sua providencia.

O sr. Sebastião de Carvalho e Lima contava que em casa do sr. Francisco Manuel Couceiro, Morgado de Villarinho, aonde Luiz Cypriano fôra á partida habitual, aproveitando o enlevo do jogo, as irmãs do Morgado se entretiveram a descoser o forro do classico capote do medico e suspenderam dois tijolos, que alinhavaram á prêssa. Feitas as despedidas ceremoniosas e cordeaes, o pae de José Estevão poz o capote ás costas, ajudado pelas maliciosas damas. Pelo caminho ia o bom do velhote derreado, a ponto de se estranhar, e até lhe accudio o pensamento de que estivesse doente tal era a fadiga inesperada.—*Será uma lesão do coração!* dizia consigo mesmo. Só ao largar o capote é que percebeu, pelo som baço dos tijolos no sobrado, que fôra victima adoravel d'um logro.

Em maio de 1892, Pedro A. Dias fez publicar no *Commercio do Porto* uns folhetins sobre *A Alçada* (1828 1832) e no quarto capitulo refere o seguinte:

«Castodio Luiz de Miranda, medico portuense distincto, foi chamado pelo seu cliente José Patriocio de S-ixas Diniz, desembargador da Relação e Juiz da Alçada e, este depois de ter fallado dos seus incommodos disse-lhe: Não é por minha causa que o mandei chamar. E' por causa d'um hospede, que tenho, e que me está dando serios cuidados.

Entrando n'um remoto aposento achou-se o dr. Miranda em presença d'um medico d'Aveiro, Luiz Cypriano, perseguido por liberal, que viera refugiar-se em casa do seu padrinho, que era justamente aquelle juiz da Alçada.

—Veja o doutor o risco que eu corro se se descobre a protecção que dispenso ao meu afilhado. Estou certo da sua discrição e por-

(1) Serviu de 26 de outubro de 1844 a 14 de maio de 1846.

isso só lhe peço que m'o não deixe morrer.

Passaram muitos annos e quando nenhum dos tres era vivo, aconteceu p'lo maior dos acasos, um filho de Luiz Cypriano, José Estevão, desposar a unica filha de Custodio Luiz, D. Rira de Miranda.»

Era um homem essencialmente bondoso, caritativo e generoso.

Como o filho Antonio Augusto, no fecho da campanha liberal, esperas e no fundo da Corredoura, d'esta cidade, um façanhoso denunciante miguelista, que vinha perseguido pela ladeira abaixo, e o ferisse de morte com um estoque, Luiz Cypriano, muito contristado com aquelle acontecimento, objurou-o com a maior vehemencia, e reprehendeu severamente o filho desvairado.

— Meu pae, era um grande tractante!

— Mas tinha direito á vida...

— Tambem o pae diz que em chegando fulano (e indicou um miguelista acerrimo e rancoroso) o não pouparia!

— Oh! esse hei-de eu mata-lo!
— gritou muito avinagrado Luiz Cypriano.

Quando, passados annos, veio para Aveiro a annunciada victima, a primeira pessoa, que o visitou, foi o pae de José Estevão.

Foi eleito deputado ás cortes em 1834 e fez parte da commissão parlamentar da instrucção publica. A dissolução da camara, e a revolução de 9 de setembro de 1836 determinaram-n'o a ceder a candidatura subsequente a seu filho José Estevão, que tanto havia de ce-lebrisar-se, honrando a tribuna.

O ascendente de Luiz Cypriano sobre a população d'Aveiro era de tal ordem, o respeito p'las suas virtudes estava tão radicado, e tinha de tal modo irradiado, que em 1846, com aquelle calor com que se transfigurava na defeza das prerogativas populares, acc-so na ira pacata da razão, á frente d'um rancho de pescadeiras fez fugir um governador civil, á força de brados e empunhando apenas a caixa d'oculos, que elle apontava com a comminatoria convicção de

quem ameaça com uma pistola. (1)

N'uma merenda no campo para onde fôra com um grupo da melhor sociedade, cavalgando as damas, não garbosos palafrens, mas humildes gericos, aconteceu que estes, levados do cio primaveril, desata-ram a ornear insoffridos.

Luiz Cypriano, ao notar a braveza de revolta, gritou por cima da baralha dos cavalhariços e serventes:

Tirem-lhes as albardas... A natureza é soberana!...

Muito irritado e azedo, clamava o governador civil Anthero Albano da Silveira Pinto que havia de acabar com todos os patifes d'um determinado concelho visinho.

O pae de José Estevão objectou-lhe, ouvindo aquella heresia politica:

— Não faça isso, olhe que o transforma n'um deserto.

N'uma soirée familiar apresentáram lhe um prato com fatias muito finas. Perguntou graciosamente a dona da casa:

— Isto o que é, minha senhora?

— São torradas.

Examinando-as por transparencia, á luz, observou sorrindo-se:

— Pois, minha senhora, creio que não são torradas, são *sophismas*.

José Avelino d'Almeida Gusmão (2), escrivão de direito n'esta comarca, cunhado de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, era um homem de curto alcance, e um dia atimava deante de Luiz Cypriano qualquer coisa despropositada, até que este, farto de o ver refacilar no charco da insensatez, lhe acudio de subito:

— Você sempre é um homem que tem basofia de duas coisas...

— Eu?

— Sim, sr.!... de tôle e de valente.

O conjuncto d'estes dois predi-cados já dá para um brasão.

Luiz Cypriano era um bonissimo homem com impetos passageiros de colera, quando se lhe exgotava a paciencia evangelica. Mas esses fluxos desvaneciam-se-lhe sor-

(1) Contado pelo Luiz de Magalhães a 11 de setembro de 1905

(2) Casado com D. Libania.

rateiramente, se lhe davam tempo para recahir em si. Contavam lhe qualquer agravo d'um sugeito, que se aventurava a essa intriga. Luiz Cypriano ficou fulo e sahiu em procura immediata de quem o melindrara. Andou zangado e tórvo. Mas á força de tempo, arrefeceu e quando afinal encontrou o desastrado typo disse lhe com energia:

— Se você tem apparecido dois minutos antes partia-lhe a cara. (1)

Já velho tinha um creado barbadissimo que o acompanhava e lhe dispensava os inevitaveis cuidados.

Antonio Augusto vindo de Lisboa, surprehendido, perguntou:

— Quem é este comparsa de barbas postigas?

— Não é comparsa, é o senhor Francisco, meu creado, e as barbas que traz não as comprou, são muito suas.

Em fevereiro de 1852 foi José Estevão atacado por uma molestia terrivel—o typho. Esteve a sua vida á beira da sepultura. O pae escreveu a seu filho Antonio Augusto uma carta interessante, em que ha uns periodos eloquentes referindo-se á possível morte do tribuno e aos sentimentos religiosos que elle evidenciara:—

«Se esse fôr o seu fado, oh! que terrivel golpe para um pae já fatigado de soffrimentos! Mas que fortuna não lhe sobreviver!

No fim proximo da minha existencia ainda levo a unica consolação de que um filho adorado, no lance de passar para a vida eterna, não leva manchados os ultimos despojos da vida que deixa d'este mundo, os sentimentos moraes de verdadeiro christão, onde só se póde encontrar indemnisação ás illusões.

.....
Que não possa vencer a distancia que nos separa para ahí morrermos todos juntos, ou festejarmos as suas melhoras, se Deus lhe conservar ainda a existencia!»

Quando o perigo passou, Luiz Cypriano escreveu directamente ao tribuno, e n'essa nova carta ha este paragrapho, que encerra um nobilissimo pensamento:

«Consolou-me no meio dos rezeiros, que sempre me acompanharam durante a violencia da tua molestia o

(1) Versão de dr. João Alberto de Vasconcellos, de Arouca.

ver o teu comportamento de submissão e respeito para com o Creador, que elle mesmo imprimio no nosso ser, e que faz o primor das suas obras, e que nós nunca devemos deixar obsecurecer pelos sentimentos terrestres, que perderão o seu prestimo n'este mundo, se os desacompanharmos do anjo da guarda, que habita em nós com a alta prerogativa da razão.» (1)

N'estes breves trechos se desenhna todo o character de Luiz Cypriano—a sua crença, a consciencia dos seus deveres, a sua limpida carreira, e o amor extremo pelo seu glorioso filho, accentuado n'este commovente brado d'alma:

Mas que fortuna não lhe sobreviver!...

A 27 de março de 1857 Luiz Cypriano entregava ao Creador o seu espirito benigno, piedoso e admiravel. Esta cidade curvou-se ante o seu athaude, banhado em lagrimas.

João Carlos Themudo Rangel, advogado do Porto, ha pouco fallecido, contou a 14 de abril de 1885, n'um jantar dado pela Sociedade de Geographia Commercial, d'aquella cidade, ao illustre africanista Francisco Antonio Pinto que na occasião em que Luiz Cypriano estava, no caixão prompto a ser conduzido ao cemiterio, José Estevão, que andava allucinado pela dôr, crusou os braços deante do cadaver do pae, e debulhado em pranto teve esta phrase:

— Estás muito bem! estás como um principe, e se querias estar melhor oh! para que morreste!... (2)

O ERNESTO

Luiz Cypriano deixou um filho natural, Ernesto. Foi sua mãe a Luiza, que eu ainda conheci já velha, servindo D. Maria Dorothea, como creada. O Ernesto era um rapaz alegre e intelligente, que foi encadernador em Aveiro, e que

(1) Pag. 283 e 285—do Esboço historico—José Estevão de Freitas e Oliveira.

(2) Epoca—N.º 85 de 1 de outubro de 1885.

Passos Manuel fez o elogio de Luiz Cypriano—(José Estevão por Marques Gomes, pag. 121) o que motivou uma scena commovente na sessão da camara de deputados de 23 de maio de 1857—Discursos, pag. 314.

morreu d'uma esfalfadela em virtude d'aposta irreflectida para ur-a larga caminhada, que realisou — con-tava minha mãe.

MANUEL COELHO

Manuel Coelho de Malhães, tio paterno de José Estevão, tinha a propensão do discurso e enrama. lhetava a conversa com extensas tiradas. Um dia indo á caça com o sr. Sebastião de Carvalho e Lima, poisou a espingarda e, entre a car-queja e a urze disparou este tre-cho:

— Que é isto, meus senhores? Nobres coelhos cruzando a floresta de rabo alçado, etc. . .

Eram dois predicados de fami-lia, a extravagancia e a eloquen-cia.

RITA COSTA

Na ultima quadra da sua exis-tencia, D. Rita Costa, tia de José Estevão pelo lado materno, era uma senhora expedita, talvez ra-bugenta, cheia de vivacidade, des-embaraçada de linguagem e de ma-neiras.

Frequentava a casa de Luiz Cypriano, sempre azongada e me-xida. Na idade propecta via mui-tissimo pouco, dando-se ares de quem via o sufficiente.

Matheus de Magalhães fez-lhe uma partida de espirito. Conven-ceu-a de que, para uma procissão proxima, a Camara municipal man-dara esteira as ruas e na vespera, á noite, fallou a dois garotos que levavam duas esteiras, que iam ex-tendendo successivamente uma adeante da outra em quanto elle, dando o braço á pobre velhota, lhe dizia persuasivo:

— Então minha tia, não é mui-to commodo e original? A Camara dá um exemplo, que ha-de ficar, isso lhe protesto eu! . . .

E D. Rita Costa apalpando o terreno admirada e commovida:— E' verdade, que boa ideia!

Em certa occasião teve que tratar com um homem de gravata um negocio qualquer e attencio-samente lhe dava frequentes *Se-nhorias*. Porem, entroviscaram se as clausulas e o typo fez se exi-gente como um troquilha. D. Rita

perdeu a paciencia, e muito saccu-dida, reclamou:

— Dê me para cá as *minhas senhorias*, você é um atrevido e um malcreado.

E com um gesto energico des-pedio-o.

ANTONIO AUGUSTO COELHO DE
MAGALHÃES
(Irmão do orador)

Estudante de preparatorios e ainda imberbe, aos quinze annos, foi preso em Aveiro e remetido para as cadeias de Lamego ⁽¹⁾ on-de esteve até 11 de abril de 1834 — (6 annos de soffrimento). Ahi res-pirou os odios que todos os libe-raes encarcerados nutriam contra as testemunhas falsas, os denun-ciantes, os tyrannetes da provin-cia, acobertadas pelo zelo pharisaico da defeza do regimen — o abso-lutismo, D. Miguel e os direitos inaufereveis da corôa.

Com a victoria definitiva da Liberdade, ponde, em outubro de 1834, matricular-se no primeiro anno de direito, quando José Es-tevão ia frequentar o 3.º, e seu ir-mão Luiz Rufino o 1.º de mathe-matica. ⁽²⁾

O tribuno, com o soldo da sua patente de 1.º tenente de artilhe-ria completou o seu curso e cus-teou as despesas da formatura de Antonio Augusto.

Em 1853 abriu banca de advo-gado em Lisboa, levando para alli a familia, em 1855. — A 26 de ou-tubro de 1859 foi nomeado cura-dor dos orphãos da 5.ª e 6.ª vara, tomando a 9 de novembro d'esse anno posse do logar, que exerceu até á morte. Foi advogado da Com-panhia dos caminhos de ferro e de muitas casas titulares e bancos, o que lhe produziu uma relativa abastança.

Em 1869 ⁽³⁾ sua filha natural

(1) Retirando a tropa realista de Lamego a 11 de abril de 1834 os presos arrombaram as portas das cadeias, coadjuvados pelos liberaes recatados da cidade.

(2) Freitas Oliveira, pag 103.

(3) Tirou passaporte no governo civil d'Aveiro em 25 de novembro. Re-fugiou se em Lisboa no Collegio de S. Patricio d'onde o pae a não conse-guiu arrancar ás garras do padre Bei-

Augusta Coelho de Magalhães e outras educandas do Convento de Sá saíram d'alli e foram professoras a França.

Este grave acontecimento abalou-o profundamente, despedaçando-lhe o resto da vida enfraquecida e innane, e a 28 de novembro de 1870 morreu em Lisboa.

Um dia fizera uma charada. Deu-a a varios amigos. Francisco Peixoto, grande charadista, advinhou-a:—é carço!

— Eu fil-a para ameixa, mas, devo confessar, está muito melhor para carço.

Era uma excepção entre os da sua classe. Proclamava que tinha o maior prazer no estudo do direitos positivo.

Provavelmente recreava-se com aquelle corneo jogo de xadrez e já que não sabia fazer charadas gostava de as decifrar.

Uma idiosyncrasia extravagante o levava quando novo a comer toda a casta de coisas exóticas ou nojentas. (1) Aberração ou estroinice morbida, intrepida e perturbadora.

LUIZ RUFINO

(Irmão do tribuno)

Morreu quando frequentava o 2.º anno de Mathematica na Universidade. Teve de recolher a Aveiro nas ferias da Paschoa de 1836 e aqui falleceu. Estudava desabaladamente. Parece que chegava a metter os pés dentro d'uma bacia com agua fria para combater o sono.

Promettia ser um vigoroso talento.

D. MARIA DOROTHEA

(Irmã de José Estevão)

Era uma figura apagada. Nunca foi bonita. Era muito baixa; tinha muito cabello e uma trança opulenta. Modesta e boa, comprazia-se em viver ignorada, á sombra do irmão, que idolatrava.

rão para o que contribuiu, deve dizer-se, a sobrançeria independente d'aquella senhora.

(1) *Cropophagia*, diz o Julio de Mattos.

Nasceu a 6 de fevereiro de 1813.

Morreu a 18 de dezembro de 1892.

Quem a julgasse falha de espirito enganava-se completamente.

Visitando-a o sobrinho Luiz Cypriano foi encontrada muito arrelviada com um gato, que acabava de fazer uma tropelia. A creada accudio, desculpando:— E' muito velho, coitado!

— Qual velho! ainda esta noite, ás escuras, fez *dois pospontos* no meu chale!

Escuso de explicar de que raça foram aquellas amostras de trabalhos selectos.

O PADRE JOSÉ FERNANDES DA COSTA

(Primo do orador (1))

Entre os parentes collateraes de José Estevão pertence á galeria—o Padre Jssé

Era um homem intelligente e muito lido, que endoideceu novo.

Quando já estafado mandaram-no para Rilhafoles e alli um patri-cir lhe perguntou com interesse que tal achava a *hospedaria*.

— Isto não é estalagem—retorquiu.

— Então o que é?

— E' uma coisa... que eu cá sei.

Se o sabia guardou segredo, não protestou, e morreu.

Tinha a mania de pedir beijos ás damas galantes

Vamos lá que não era mau gosto. Quando internado no hospital, porque uma senhora joven o observava com piedosa estima, elle immediatamente requereu um beijo.

Sobresaltou-se a dama, e recuou dois passos. Entretanto o padre José aplacou o susto, dizendo com fina galanteria:

Honny soit qui mal y pense!

Os proprios doidos da familia de José Estevão tiveram sempre scintillações de graça.

JOANNINHA

(Estremecida filha do orador)

O grande trituno casara a 7

(1) Professou no Carmo—entrou de graça como organista.

de junho de 1858 com D. Rita Miranda de Moura. A 13 de setembro de 1859 nasceu o primogenito Luiz de Magalhães.

A 29 de outubro de 1860 veio á luz uma filhinha, que recebeu o nome de Joanna, e que logo falleceu a 27 de abril do anno seguinte.

«Foi um anjo que no berço se assustou com as tristezas da terra e bateu as azas fugindo para o seio de Deus!»

Assim definiu um poeta (1)—Bulhão Pato—o perpassar esquivo d'essa delicada e fragil sombra.

LUIZ DE MAGALHÃES

José Estevão tinha uns ataques breves de somno. Dormitava, e de repente emergia d'aquelle abatimento precipitando-se alegre e fozoso na conversa travada em volta de si.

Luiz de Magalhães tem exactamente esse tic.

Não me proponho descrever-vos a carreira litteraria ou politica de um homem, que perfeitamente conheceis.

Quero apenas esboçar alguns traços muito leves de qualidades risonhas.

No seu palheiro da Costa Nova, fallando-se de alguns santos, elle discursou com esfusante *verve* das virtudes extraordinarias, accentuadamente divinas, de **São Jesus Christo**.

D'outra vez, alli mesmo, ao som do marulho das vagas, e ao crepitar argenteo da lua applicou ao Alberto Ferreira Pinto o seguinte epigramma patusco:

A lua estando doente
Isto é verdade, não minto,
Quiz que a substituisse a bochecha
Do Alberto Ferreira Pinto.

Aquelle verso, intencionalmente errado, tão comprido como uma lombriga, e a exactidão de conceito foi muito festejada pelas nossas gargalhadas.

Na sua quinta do Douro, em 1908, os caseiros recalitraram contra ordens recebidas e foi n'esse

(1) A José Estevão, versos de Bulhão Pato--1866.

momento epico que Luiz de Magalhães lhes bradou muito a serio: Eu não admitto que me falem ao respeito. Isso não permitto a ninguem, entendem? Se o Diabo me faltasse ao respeito, pegava-lhe pelos cornos e pelo rabo e atirava-o de cangalhas.

Esta linguagem tauromachica convenceu os refiões. Muito pôde a razão e a rhetorica!

Eça de Queiroz foi á quinta do Mosteiro, em Moreira da Maia, residencia habitual de Luiz de Magalhães; foi, e lançando *sobre a nu dez forte da verdade o manto diaphano da phantasia*, descreveu com linhas soberbas, na correspondencia de Fradique Mendes, duodecima carta (2) aquella morada e solidão encantadora:

«Estou vivendo pinguentemente em terras ecclesiasticas, porque esta quinta foi de frades. Agora pertence a um amigo meu, que é, como Virgilio, poeta e lavrador, e canta piedosamente as origens heroicas de Portugal enquanto amanha os seus campos e en-gorda os seus gados. Rijo, viçoso, requemado dos soes, tem oito filhos, com que vaee povoando estas cellas monasticas forradas de cretones claros...»

«Por aqui me quedei olvidado do mundo e de mim, na doçura d'estes ares, d'estes prados, de toda esta rural serenidade, que me affaga e me adormece...»

Depois faz a apologia bucolica d'aquelle recinto, marginado de opulento arvoredo. Conta a frescura das fontes, as hydranjas do claustro, a suculencia da terra, a penetrante bondade das coisas e termina:

«A sala, em cima, está cheia de livros, porque desde que não pertence a uma ordem espiritual é que esta casa se espiritualizou. E o di. na quinta finda com uma lenta e quieta palestra sobre ideias e letras.»

Quanto ao valor intellectual de Luiz de Magalhães um facto o comprova:

Encontrando-se com Camillo Castello Branco, n'uma carruagem do caminho de ferro da Povoá, disse-lhe:

— Creio que deve V. Ex.^a, para maior gloria sua, refundir a sua obra toda, porque ella comprehen-

(2) Pag. 204.

de como a de nenhum outro escriptor portuguez a transição da sociedade, passando da influencia da aristocracia e do clero para a preponderancia do capitalismo, da burguezia e da brazileirada.

Esta apreciação fez Camillo meditar. Passados mezes, Freitas Fortuna enfrentando com Luiz de Magalhães contou-lhe:—O Camillo ficou a scismar no que V. Ex.^a lhe observou ha tempo e só agora teve consciencia da sua obra, declarando porem:—Infelizmente já não posso energia para adoptar o conselho, que é explendidamente exacto.

Depois de suffocada a revolta republicana de 31 de janeiro de 1891 um dos promotores d'aquelle levantamento malogrado, Basilio Telles, refugiou-se na casa de Luiz de Magalhães em Moreira da Maia, e alli encontrou a protecção e o auxilio necessario para ganhar a fronteira, esquivando-se ás pesquisas dos esbirros.

Registe-se esta generosidade cavalheirosa e nunca se esqueça!

JOSÉ ESTEVÃO
Filho posthumo do tribuno

José Estevão, o tribuno, falleceu a 4 de novembro de 1862. Depois da sua morte sua esposa deu á luz uma creança do sexo masculino que recebeu o nome de José e de quem foi padrinho Sua Magestade El Rei D. Luiz.

Cresceu e porque não apresentasse robustez evidente, cheio de mimo, não concluiu os preparatorios, entregando-se a exercicios de sport, tornando-se um cavalheiro distincto e exhibindo mesmo em publico o seu cavallo *Emir*, que por um desastre inopinado o havia de tornar ligeiramente coxo.

Môço, rico, sympathico, entrou no terreno das conquistas, e subordinou aos seus caprichos a actriz Aurelia dos Santos que, por seu lado, o sujeitou aos seus, arreliando-o muitas vezes.

Tinha a voz rouca e esse som recordava o timbre propositado de seu pae em muitos lances patheticos ou pictorescos dos seus discursos. O que no orador era um recurso era no filho uma deficiencia.

Era generoso, claro está; talvez

dissipador. Apuradissimo no trajão, correctissimo no tracto. Era um estimabilissimo rapaz.

Morreu novo. (1) Estava isso escripto no livro dos destinos.

Tinha grande viveza de espirito, esfusiasdas de graça.

Um dia deixaram-lhe o legado de um conto de reis. Sua tia D. Maria Dorothea, muito contenta, perguntou-lhe em Aveiro, vislumbRANDO uma economia, guardada a sete chaves—E que lhe fizeste?

Levantou juntos o pollegar e o indicador do mão direita á altura da bocca, deu um assôpro forte e abriu os dedos, alegrando-se-lhe a physionomia.

Tinha gasto aquelle maná providencial a toda a brida, n'um assopro.

D. Maria Dorothea percebeu a charada figurada e encolheu os hombros com resignação, como quem vê desfolhar uma rosa.

Em casa do Barão de Cadóro ateara-se entre os frequentadores uma discussão de sala, em que ninguém se ouvia nem entendia já. Perto estava uma panoplia com armas escolhidas, e entre ellas uma baioneta.

—Agora é que eu conheço a vantagem das baionetas calladas! —bradou na sua voz mais estridula—José Estevão.

A *boutade* foi muito festejada á gargalhada.

N'um jantar fino serviram á sobrezeza um melão, que contra as apparencias seductoras se revelou insipido.

Parece incrível, clamaram de todos os lados, nem parece melão.

—E' melão, exclamou José Estevão, mas com sentimentos de abobora.

MATHEUS DE MAGALHÃES
(Filho natural de José Estevão)

Em carta dirigida ao actual visconde de S. Luiz de Braga declarou que com a mãe só estivera até aos cinco annos, depois a separação apenas cortada por «umas visitas fortuitas, que lhe não saciavam as saudades, insufficientes para o seu grande affecto maternal.»

(1) Nascera a 2 de janeiro de 1863 e expirou a 9 de janeiro de 1889.

Era irrequieto, despreocupado, extravagante, bohemio, avesso a preconceitos, independente e estroina.

A alegria era o seu passaporte. Insubmisso ás regras da disciplina, e ao texto dos compendios, o que chegou a saber aprendeu-o por si, motejando dos professores e da clausura das aulas.

Muito intelligente e muito vivo foi muito apreciado na roda em que andou, que divertiu e com quem cultivou a desenvoltura e a graça, atravez do infortunio.

José Estevão, percebendo que estava creando um excentrico e um discolo, resolveu mandal-o para o Brazil recommendado ao consul de Portugal José Henriques Ferreira, pensando assim abrir-lhe talvez uma carreira feliz.

Enganou se. Era incoercivel e irreductivel.

Voltou a Portugal na mesma. Adquiriu relações d'estima, ampliou os seus conhecimentos e continuou a distrahir-se sem nunca cogitar no que seria o dia de amanhã.

Voltou mais tarde ao Brazil: esteve no Rio de Janeiro, passou ao Rio Grande do Sul, alli casou e alli morreu cerca de 1875, deixando viuva e creio que duas filhas.

Quando da primeira vez em terras de Santa Cruz, o José Henriques Ferreira, para lhe pautar desperdicios, chamou-o a capitulo e advertin-o.—Dou te um fato cada dia, se em teu corpo o romperes, mas olha que andas em pello se os empenhares ou venderes.

Em Lisboa houve quem o visse com outros *calaveras* irem de madrugada, de gatas, beber agua ao chafariz da Patriarchal, entre risadas e chalaças esturdias.

Fez uma peça para o theatro destinada ao actor imitador Trindade, intitulada—**Por um cabello.**

Não havia nada mais fino—*por um cabello*, dizia-me o pobre Trindade.

Durante os ensaios actor e auctor deliciaram-se com a peça e com alguns pasteis e calices de vinho generoso. Chegou o dia do espectáculo e a peça baqueou, fican-

do o Trindade encalacrado com as despezas previas.

E aqui está como uma peça cae, asseverava-me o imitador, cheio de unção e saudade:—*por um cabello!*

Arranjou ser nomeado amanuense do ministerio do reino, salvo erro, com 25 mil reis mensaes, porem nunca ia á repartição senão para receber o ordenado.

Veio o Bispo de Vizeu, apertou a tarracha com uma medida geral, obrigando os retardatarios a apresentarem-se com pontualidade ao serviço.

Matheus demorou-se a cumprir. O director geral importunava-o, mas elle, firme como uma rocha, não deslisava do seu proposito de ser vadio. Enviaram-lhe o continuo, requisitando a sua comparencia. Objectou nobre e sobranceiramente:

—Isto de mandar a casa d'um sugeito pedir-lhe coisas é sapateiral. Diga lá que em primeiro logar o que esse homem tem a fazer é provar-me como em Lisboa, a capital d'estes reinos, se póde viver com 25\$000 reis mensaes.

E fechou lhe a porta na cara.

Capitulou por fim, é certo, entretanto, como bohemio enocivago, ia dormir para a carteira. No termo de oito dias deste inferno fez um requerimento ao chefe pedindo um mez de licença *para acertar o somno.*

Em Aveiro começou a passar bilhetes da rifa d'um cavallo, impingindo-os, a oito, entre amigos e conhecidos.

Afinal algum abelhudo perguntou-lhe pelo cavallo e elle satisfez a indiscreta curiosidade:—Ora essa! ando a arranjar dinheiro para o comprar...

A' custa da rifa, claro está.

Zangado com o José Eduardo Vilhena zangou se pouco depois com o Francisco Rezende Junior, mas na tarde d'esse dia encontrando-se com o Rezende foi para elle de braços abertos, dizendo-lhe:

—Tem paciencia, não posso andar de mal com duas pessoas ao mesmo tempo. E celebraram logó o tratado de paz.

N'uma discussão sustentou uma these, durante meia hora, com brilho e copia de argumentos, porem a

certa altura contradisse-se d'um modo manifesto. Um dos interlocutores ponderou-lhe a sua má fé, atenta a contradicção a tão curto intervallo:

—Que grande admiração, retorquiu mui'õ enxuto, sou por ventura alguma pedra d'Eirol, que me não possa contradizer?

Representavamos um grupo de academicos coimbrões, dirigidos pelo Cesar de Sá, no theatro de D. Luiz. Essa companhia denominava-se «Serões Dramaticos» e corria o anno de 1873.

A' porta d'essa casa de espectaculos bateu um viajante curioso, que desejava assistir á recita.

Quem havia de ser? O Matheus do Magalhães.

Com elle fallei e expliquei-lhe que *aquillo* era uma sociedade particular, e que o accesso era de favor, mas que eu ia alcançar-lhe entrada, o que elle muito agradeceu.

N'essa occasião lhe perguntei se andava com algum trabalho litterario entre mãos. Respondeu-me:

—Estou velho para escrever n'uma agua furtada, á luz da candeia. Vou partir para o Brazil, tentar fortuna, que, como sabe, é sempre uma loteria com muito poucos premios.

Gostava de côres flamantes. Chegou a ter no Rio de Janeiro um fato côr de gema de ovo, o que lhe valeu ser cognominado pelos caixeiros da rua do Ouvidor—*Lord Flanella*.

Fallava sempre quente e sempre com ares de convicção, o que animava muito a palestra ou a discussão.

Tinha um drama manuscripto cuja historia repetia declarando que fôra representado *quasi* tres vezes em D. Maria. Da ultima ficou só um espectador, que quando acabou a peça bocejando exclamou admirado—Tão cêdo?!

Lino d'Assumpção em 1875 e nos annos seguintes viveu intimamente com elle no Rio de Janeiro e fez publicar n'*O Dia*, vinte annos depois (1895) uma serie de notulas, que n'esse mesmo anno viram a luz em *separata*.

Os seus companheiros predile

ctos alli foram alem do Lino, Ferreira de Araujo, Eduardo Garrido, Henrique Chaves, Elysio Mendes, Cyriaco Cardoso, Raphael Bordallo Pinheiro, Arthur Reinhart e os actores Valle e Silva Pereira.

Quando da 2.^a vez, indo ao Brazil, demandou a bahia de Guanabara, apresentou-se com uma carta de recommendação ao conde de S. Salvador de Mattosinhos.

A sua bagagem limitava se a uma mala pequena com roupa branca, galechas, polainas, gravatas, uma capa de borracha, e o manuscripto do drama, em que fallei ha pouco.

O conde mandou-o entrar para o armazem, onde Matheus o foi encontrar perpassando solemne entre pipas aliohadas. Matheus dizia depois:—Recebeu-me como se eu fosse um quinto de Collares.

Por aquella credencial veio a ser professor de instrucção primaria no collegio do ex-padre Almeida Martins.

—De quem atraçouo Nosso Senhor Jesus Christo que posso eu esperar?—segredava, na charneca da desconsolação, Matheus de Magalhães aos amigos.

Entretanto acceitou. Os rapazes brincavam com elle, faltavam-lhe ao respeito, e era isso justamente o que elle mais apreciava. Ria se d'essa expontaneidade exuberante.

D'aqui resultou que um dia entrando na classe com a sua calva a rebrilhar (1) ouviu os grupos da pequenada a soletrar cantando

C, A—ca }
R, E—ré } = caréca
C, A—ca }

Veio o padre espantado com o reboliço e inquirio.

Matheus explicou:—Os meus discipulos escreviam *careca* com K, e para os corrigir fui eu que ordenei que elles cantassem *careca* com C durante cinco minutos seguidos.

Aquella situação equívoca não podia continuar. Renunciou ao emprego.

D'satou a viver *á lebre*, como um estudante. Freqüentava cafés,

(1) Vide *Violetas*, por Mello Freitas, pag. 153.



theatros e redacções de jornaes, curtia fome, *comia d'amigos* como Camões, mas o bom humor era o seu melhor companheiro e a sua melhor propriedade.

Apparecia de repente ao almoço alheio e queria um talher, e não raro se deitava no leito magro dos seus camaradas de esturdia.

Lino aconselhou-o, attenta a falta de pecunia, que reclamasse de Lisboa os seus ordenados como amanuense do ministerio do reino.

— Não me suggeres senão patifarias. Seria um escandalo, quem sequer se pode justificar pela frequencia do Terreiro do Paço.

— Porque não emprehendia elle uma publicação dos discursos de José Estevão?—insistio.

Formalisou se e respondeu terminantemente que nunca o faria—1.º porque os oradores perdem sempre em serem lidos—2.º porque os discursos precisam do calor da palavra animada pela eloquencia e realçada pelo valor do gesto—3.º porque o encanto da voz e da oportunidade apaga-as o tempo, como o coveiro inexoravel.—E rematou: Demais eu não tenho nenhum direito a explorar o nome de meu pae. Isto de lhe publicar os discursos para vender cada volume a 5 mil reis, faz me o effeito de falsificar a assignatura d'uma nota de banco.

Traduziu um dramalhão, e precisando das coplas reclamou-as do Lino d'Assumpção.—Tu escreves tão mal, que por força hasde saber fazer versos.

— Acho melhor que os solicites do Eduardo Garrido.

— Estou de mal com elle. Pedi-lhe uma camisa engommada e affirmou que não tinha. Corri-lhe as gavetas e logo *me luzio uma nova, em fólha*. Fitei-o com um olhar aterrador, trouxe a camisa e cortei relações com o mesquinho.

— E se elle não tivesse senão aquella?

— E eu não tinha nenhuma.

Afinal sempre procurou o Garrido para que lhe fizesse os versos.

— Encommendo-lh'os como a um sapateiro encommendo botas, ou a um alfaiate encommendo um par de calças. Quando tiver aviado a

obra avise me, e mande-me a conta. Provavelmente ficou inscripta no rol dos calotes.

Do Rio de Janeiro ^{***} passou para o Rio Grande do Sul, como representante d'uma companhia de seguros.

Alli proporcionaram-lhe um jantar, com gente abastada, em que devia lançar o reclame, e fazer a propaganda do negocio de que ia incumbido.

Depois de ter comido as iguarias e bebido os vinhos finos teve esta salida inopinada:

— Os senhores farão o que entenderem. Todavia, se perguntam a minha opinião, eu declarar-lhes-hei, com toda a franqueza, que quem tem, á certa, tão bons vinhos não deve arriscar o seu dinheiro em emprezas, que vivem apenas de *calculos das probabilidades*. Seria trocar o certo pelo duvidoso. E disse.

A consequencia logica e fatal foi perder o emprego.

Alli vegetou e alli morreu, depois de ter sido tratado pela sociedade local da Beneficencia Portuguesa.

Quando se estuda este personagem excepcional e risonho vê-se que pertence á pleiade da galeria da Vida Bohemia, de Henri Muger.

Foi propositadamente infeliz. Ardeu brilhante e rapido como um phosphoro.

Cheguei ao termo d'esta viagem, profligando ondas de saudades, porque algumas das pessoas de que tratei, atravessaram a minha existencia, e hoje povoam os meus sonhos como phantasmas alvacentos.

O principa Regente, que depois foi D. João 6.º e cuja vera effigie anda nos patacos, fugira para o Brasil em 1807 com sua mãe D. Maria I, que já n'essa occasião estava demente. Por motivo, em 1810, dos festejos do consorcio do infante de Hespanha D. Pedro Carlos com D. Maria Thereza, filha do mesmo Regente e de D. Carlota Joaquina, attenta a carestia de artistas decoradores no Rio de Janeiro, o chefe da policia postou soldados pelas ruas detendo os trans-untes e in-

vestigando das suas profissões. Como só deparavam com alfaiates, sapateiros e barbeiros, e havia urgencia, era ordenado a esses pobres operarios que se fizessem pintores, sob pena de prisão.

E, assim coactos, se improvisaram á prèssa brochadores, que gastavam o dobro do tempo e tintas, servindo um officio de que não tinham apprendizagem e para o qual lhes faltava vocação. (1)

Não medi as minhas forças. Encontrei-me n'esta palestra desvalido, desperdiçando tempo, pinceis e côres, exactamente como aquelles artistas attribulados.

Submetto-me ao vosso julgamento e contricto imploro o perdão de todos os que se dignaram escutar-me.

Emenda e notas complementares

1.^a

A esposa de José Avelino de Almeida Gusmão chamava-se D. Maria Augusta de Oliveira, e a sr.^a D. Libania era casada com o alferes (reformado depois em tenente) Antonio Rafino Pereira Barbosa, empregado das Obras Publicas.

—Aonde iria elle buscar o Gusmão?—perguntava o dr. Luiz Cypriano—Sae-me agora parente de S. Domingos!

2.^a

O Ernesto, filho natural de Luiz Cypriano, chamava-se Ernesto Augusto Ferreira e foi encadernador, livreiro e editor de alguns livros como *A Religião revelada* por um egresso da provincia da Conceição, com a *Advertencia* do proprio editor, em 1859, e os *Pensamentos sobre o Christianismo* de José Droz, traducção de Agostinho Pinheiro, obra publicada em 1861 e ambas

(1) *O Norte*, de Osorio Duque Estrada, pag. 48—Debret, *Voyage au Bresil*.

impresas na Typographia do sr. Manoel Firmino d'Almeida Maia.

3.^a

Acerca de Manoel Coelho de Magalhães, tio paterno de José Estevão, convem accrescentar o seguinte esclarecimento biographico:

No *Districto de Aveiro* n.º 663 de 18 de junho de 1867 e n.º 664 de 21 d'esse mez e anno, o dr. Venancio Dias de Figueiredo, de Eixo, publicou uma relação alfabetica dos presos politicos das cadeias de Aveiro em setembro de 1831, escripta pelo referido Manuel Coelho de Magalhães, e n'ella declara que fôra preso a 20 de fevereiro de 1831 juntamente com Manuel Antonio Loureiro Mesquita e que n'essa occasião só trazia consigo 2\$040 reis, tendo ambos estado escondidos. Sahi de Aveiro para a cadeia de Coimbra a 26 de dezembro de 1831 e a 5 de março de 1832 foi remettido para as prisões de Almeida, onde morreu a 9 de janeiro de 1833, depois de uma doença de 3 mezes.

4.^a

O padre José Fernandes Costa morreu, dizia-se, de *loucura folgasã*. Escrevi ao ex.^{mo} sr. dr. Miguel Bombarda, que teve a amabilidade de me responder, a 25 de maio ultimo, pela fórma que vai ler-se:

...Sr.

«O padre José Fernandes da Costa esteve em Rilhafolles de fevereiro de 1833 a julho de 1834. Era então director o dr. Marcellino Craveiro. O diagnostico foi:—*mania geral folgasã*. O doente falleceu de congestão cerebral repetida.

Disponha V. de quem é

D^e V.

m.^{to} ven.^{or} e obrigado
Miguel Bombarda

P. S.—Note V. que aquelle diagnostico, como sciencia, deixa tudo a desejar.

*

Foi o tutor, Joaquim de Sequeira Moreira, que mandou para o hospital o celebre maluco.